

REFLEXÃO

O AGRO EM UM HORIZONTE DE INCERTEZAS

MARCELLO BRITO
Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

NO SÉCULO XXI, assistimos à consolidação do agronegócio brasileiro em escala global. Em importantes cadeias produtivas, o País passou a ocupar posições de liderança, seja em grãos, fibras ou carnes. Esse desempenho deve persistir de acordo com as projeções de renomadas entidades internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês). Em termos de perspectivas, essa é uma visão promissora, mas carregada de desafios e incertezas.

Nessa caminhada, há de se reconhecer o protagonismo de lideranças nacionais notáveis na criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que comemora 47 anos neste mês. Devemos mencionar, também, a contribuição dos órgãos de pesquisa e de ensino estaduais. Em síntese, não chegamos à toa nesse estágio elevado de conhecimento científico inédito de uma agricultura tropical inovadora, repleta de potencialidades.

Mesmo com o grau significativo de evolução apresentado pela agricultura mundial do ponto de vista tecnológico, tivemos, com competência, a capacidade de introduzir esse progresso de acordo com as características nacionais de solo, clima e vegetação. Não podemos, neste momento, perder o avanço na biotecnologia, na conectividade e na digitalização do campo.

Captar a dinâmica para onde caminha o ambiente de negócios sempre foi e será um passo estratégico crucial para a liderança agropecuária brasileira. As lições precisam ser aprendidas rapidamente. Desta maneira, devemos aproveitar as circunstâncias para obter resultado com o incremento das demandas do continente asiático, em especial a China. Faltou-nos, durante essa construção, a formalização de acordos bilaterais, assunto que, hoje, faz parte da pauta governamental que negocia com Europa, Coreia do Sul, Estados Unidos, entre outros.

Genericamente, nos defrontaremos, agora, com um mercado consumidor sensível e traumatizado com a pandemia causada pelo coronavírus. Podemos dizer que, quase na sua totalidade, a geração atual nunca presenciou uma situação dessa magnitude. Nesse sentido, lembremos o plano de ação montado pela Organização das Nações Unidas (ONU): a Agenda 2030, com os dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Valeria a pena uma revisão desse brilhante trabalho para construirmos uma comunicação sobre a contribuição do nosso agro para o Planeta.

De maneira consensual, podemos seguir as políticas internacionais de sustentabilidade de modo a posicionarmos e orientarmos as nossas rigorosas políticas públicas ambientais. Enquanto o Brasil avançar como plataforma produtora e exportadora de alimentos competitivos, crescerá a imposição de barreiras técnicas aos produtos nacionais. Diante disso, cuidemos com carinho do fator crítico que representa a inovação tecnológica. Sem surpresa, deveremos estar alinhados, no horizonte futuro, para atender a diversidade das demandas com padrões de conformidade cada vez mais exigentes.

Então, é muito oportuno indagarmos: que mundo teremos no pós-coronavírus? Apesar de ainda ser muito cedo para sabermos, com certeza será um Planeta diferente, mais complexo e repleto de novas exigências e desafios. Certamente, quem souber ler as potencialidades desse cenário sairá na frente na corrida da recuperação e do crescimento socioeconômico. ■

"Enquanto o Brasil avançar como plataforma produtora e exportadora de alimentos competitivos, crescerá a imposição de barreiras técnicas aos produtos nacionais."